A VIVÊNCIA E A CONSTRUÇÃO DE ATIVIDADES CORPORAIS E RECREATIVAS, O ESPAÇO LÚDICO NA SALA DE AULA, O JOGO, O BRINQUEDO E A BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

ELIETE CORDEIRO LAMEIRÃO FRANCO

RESUMO

Através de uma pesquisa realizada em livros e trabalhos acadêmicos que versem sobre a temática ficou evidente que muitas crianças apresentam dificuldades de aprendizagem durante o processo da alfabetização. O objetivo principal desta pesquisa foi o de investigar, intervir, amenizar e estimular uma aprendizagem construtivista, envolto à afetividade, com ações planejadas, dialogadas, significativas, e sistematizadas a partir do cotidiano e dos interesses que envolvem duas instituições seculares: a família e a escola com o eixo voltado às necessidades dos educandos. Todo este processo foi desenvolvido com leituras e releituras de vários autores comprovadamente envolvidos com a problemática visando que a criança apresente avanços com resultados positivos e significativos é família e escola despertem para a importância de estreitar as relações no processo ensino aprendizagem.

Palavras-Chave: Dificuldade de Aprendizagem; Alfabetização; Criança; Família; Afetividade

Introdução

Este trabalho de pesquisa tem o intuito de apresentar discussões de vários autores acerca da vivência e a construção de atividades corporais e recreativas o espaço lúdico na sala de aula, os jogos, brinquedos e brincadeiras na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental. Realizaremos uma abordagem bibliográfica com as contribuições de Kishimoto (2010) sobre a importância do brincar. Um enfoque sobre o jogo, brinquedo e brincadeira sob os olhares de Sommerhalder e Alves (2011).

A influência dos jogos como uma atividade formativa e as contribuições para a aprendizagem serão algumas das abordagens, assim como os brinquedos utilizados pelas crianças para expressar sua visão de mundo.

Os apontamentos sobre a cultura familiar no processo de aprendizagem e as modificações sofridas desde a Idade Média. As instituições infantis e suas transformações e como passaram a ser consideradas como um espaço voltado a aprendizagem.

A abordagem deste trabalho de pesquisa se deu devido a importância do trabalho lúdico na educação infantil por meio dos jogos e brincadeiras. Portanto havia a necessidade de um conhecimento mais aprofundado sobre o tema.

O trabalho será apresentado da seguinte forma: faremos um relato da importância do brincar na educação infantil, no qual abordaremos a brincadeira como um meio para a aprendizagem; as vivências corporais; o jogo o brinquedo e a brincadeira dentro do contexto educacional; a prática educativa com a utilização dos jogos, as bases pedagógicas para o desempenho das ações no ambiente escolar e as contribuições dos jogos nas séries iniciais.

Desenvolvimento

De acordo com Kishimoto (2010), ao brincar a criança revela o seu pensamento. Ela demonstra por meio da brincadeira seus desejos, o interesse pelo outro, seus conhecimentos e como compreende o mundo ao seu redor o brincar é um direito da criança. Por intermédio do brincar a criança aprende regras, linguagens, adquire novas habilidades e é introduzida ao mundo do faz-de-conta.

Todo o período da educação infantil é importante para a introdução das brincadeiras. Pela diversidade de formas de conceber o brincar, alguns tendem a focalizá-lo como característico dos processos imitativos da criança, dando maior destaque apenas ao período posterior aos dois anos de idade. O período anterior é visto como preparatório para o aparecimento lúdico. No entanto, temos clareza de que a opção pelo brincar desde o início da educação infantil é o que garante a cidadania da criança e ações pedagógicas de maior qualidade (KISHIMOTO, 2010, p. 1).

Segundo a autora o brincar para a criança é a ocupação diária fundamental. Neste momento ela é a protagonista e pode expressar-se por meio de sentimentos, resolver problemas, identificar-se e aos outros por meio de linguagens diferentes. "Ao brincar a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens". Portanto o brincar na infância é uma ferramenta de aprendizagem e desenvolvimento para a criança (KISHIMOTO, 2010, p. 1).

De acordo com Kishimoto (2010) a escolha dos brinquedos para as crianças da Educação Infantil necessita de uma seleção criteriosa que observe alguns aspectos: se é durável, seguro, ser atrativo, lavável, apropriado a faixa etária, atender aos variados tipos étnicos, materiais diversificados e não

tóxicos, confeccionados pelos pais, professores e crianças, com tecnologia e artesanais. Portanto há uma preocupação com os riscos e más influências de brinquedos por isso deve-se levar em consideração os critérios de escolha e com certificação do órgão de fiscalização Instituto Nacional de Metrologia (INMETRO).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil

(DCNEI) em seu artigo 9º aponta: as brincadeiras e as interações como sendo indicadores para as ações pedagógicas. Portanto o brincar não atinge os objetivos se não houver as interações com os colegas, professor, com os materiais e brinquedos, com o ambiente e criança, família e escola. As ações do fazer pedagógico precisam assegurar experimentações diversificadas.

Diante da importância que o movimento tem no processo de desenvolvimento de uma criança, a definição do que se pretende alcançar com as atividades propostas e as estratégias a serem usadas para se conseguir isso tornam-se pontos de maior cuidado na estruturação de um programa de Educação Infantil. Elaborar as metas e traçar os caminhos para atingi-las facilita o trabalho e permite melhor reconhecimento do desenvolvimento dos alunos. Mas todo planejamento deve estar permeado de flexibilidade, possibilitando ajustes necessários que visam a adequação ao nível, ao interesse e às expectativas das crianças diante das situações de aprendizagem (NISTA-PICCOLO e MOREIRA,2012, p.35).

Para Nista-Piccolo e Moreira (2012), o desenvolvimento da criança de modo global, deve ser a finalidade da Educação Infantil. A criança nesta etapa da vida necessita explorar o ambiente em que vive e de movimentar-se. No entanto para que isso aconteça efetivamente a criança deve vivenciar várias experiências voltadas ao movimento: acrobacias, barras, fita, bola, arco, trave entre outros que possibilitem experiências importantes para a sua vivência.

As emoções das crianças podem ser refletidas por meio dos gestos. Uma criança inibida realiza movimentos tímidos; uma criança feliz, realiza movimentos amplos. Portanto pode-se afirmar que o corpo reflete nossas emoções. Por meio do corpo expressamos as dificuldades, capacidades e limites.

Com a percepção do EU e do MUNDO a criança começa a ampliar seus horizontes e passa a explorar tudo que o cerca, por meio de atividades motoras que são fundamentais para o seu desenvolvimento. Conclui-se que a função motrícia é fundamental para a evolução do ser humano e que a relação da criança com o meio ambiente e com as pessoas favorecem o seu avanço corporal.

As reações posturais que uma criança adota diante de sentimentos como ansiedade, angústia, agressividade e muitas outras emoções denominadas negativas podem se manter nesse padrão ou até evoluir, caso as experiências vividas a partir dessas manifestações sofram bloqueios. Torna-se evidente que o conhecimento do próprio corpo é fundamental como instrumento de auxílio à aprendizagem (NISTA-PICCOLO e MOREIRA,2012, p.38).

Ao obter várias experiências as crianças possuem uma quantidade de elementos para iniciar superficialmente um esquema do seu corpo. Este esquema é o centro da personalidade e por meio dele são organizados o comportamento, conduta e os demais conhecimentos. Portanto com as experiências vivenciadas a criança vai construindo o seu esquema corporal e por consequência vai formando a sua personalidade. A criança passa a perceber-se e aos outros ao redor em função de si mesma.

O movimento é de grande relevância para a formação do ser humano e não pode ser colocado em plano secundário, como ainda ocorre nos currículos da escola. Portanto necessita-se que sejam revistos, pois por meio do conhecimento corporal o ser humano dá sentido à sua existência.

O brincar faz parte da vivência da criança, raramente encontra-se uma situação na qual a brincadeira não ocorreu na infância. As brincadeiras da infância são lembradas ao longo da vida. Quando adultos, nada mais fazemos do que trocar as brincadeiras da infância por outras atividades, coerentes com essa nova realidade como os esportes, mas que preservam na essência o caráter lúdico" (SOMMERHALDER, 2011, p. 11).

Segundo os autores o lúdico está inserido no cotidiano da humanidade desde o início da civilização. Os registros históricos apontam a utilização dos jogos, brinquedos e brincadeiras em culturas variadas. Portanto podemos chegar à conclusão de que as brincadeiras os jogos e os brinquedos fazem parte do histórico da humanidade.

Isso nos remete a ideia de que o jogo é produção da cultura, ou seja, representa símbolos, signos, valores, hábitos e costumes, comportamentos e objetos produzidos pela sociedade, pela coletividade, antecedendo e transcendendo os indivíduos que dela fazem parte. O jogo traz consigo elementos de nossa identidade pessoal e coletiva. Assim como nós inventamos, criamos, transformamos e/ou reproduzimos uma infinidade de jogos e brincadeiras, também somos inventados, (re)criados, transformado por eles. Nesse sentido, o valor do jogo (assim como de outros elementos da cultura) para nossa aprendizagem e desenvolvimento é inestimável (SOMMERHALDER, 2011, p. 12).

Ao perguntarmos a uma pessoa mais velha sobre suas experiências da infância, são momentos inestimáveis de muita aprendizagem. Os jogos do passado podem ressurgir com uma nova reformulação na atualidade. Destes relatos podemos nos inspirar para criar jogos e brincadeiras novas. Nas conversas com as crianças ou mesmo por meio da observação das brincadeiras podemos expandir as ideias sobre a ludicidade no mundo. No recreio escolar nos passeios pelo entorno da escola ou do Bairro em que reside nos sãos espaços propícios as inovações.

As brincadeiras e jogos nos remetem ao universo infantil. Para Sommerhalder (2011) engana-se quem acredita que a ânsia por jogos faz parte apenas da infância que o adulto não se interessa mais. O que acontece é a mudança para atividades que necessitam de mais complexidade como exemplo as danças e esportes de acordo com a maturidade.

Podemos pensar, então, que o jogo é o nosso ponto de partida: é a partir dele que iniciamos nossa fantástica relação com o mundo da cultura. É a partir do jogo e da brincadeira que nós ampliamos nossas experiências para outras atividades como o esporte, dança, as lutas, a ginástica, o teatro, a literatura etc. [...] A experiência cultural, portanto, surge como extensão direta da atividade lúdica das crianças. É nossa primeira forma de comunicação com o mundo que nos cerca (SOMMERHALDER,

2011, p. 12,13).

Sommerhalder e Alves (2011) afirmam que a relação entre a mãe e o bebê é o início do reconhecimento e dos laços de afeto e segurança. Nasce um espaço intermedial no qual a mãe busca satisfazer as necessidades do seu bebê. A constituição do brincar se dá neste espaço intermedial, com uma gradativa ampliação das relações possíveis com o ambiente ao seu redor e sua cultura.

De acordo com o modo que a criança brinca ela busca soluções para os problemas e dificuldades que se apresentam, nas dimensões cognitivas, sociais, afetivas ou motoras desta forma a criança coloca a prova seus medos e limitações. Do mesmo modo ela aprende, amplia seu conhecimento, criando, inventando, explorando e experimentando. Portanto a criança desenvolve suas habilidades, aprende a respeitar os colegas, explorar os movimentos por meio do brincar.

[...] Aos olhos da criança o mundo é um grande parque de diversões, é o elo dela com o mundo maior que a cerca, portanto, espaço potencialmente educativo e/ou formativo. Esse é um dos motivos, talvez o mais importante, que possibilita a inserção do jogo no cenário da educação institucionalizada da criança (SOMMERHALDER, 2011, p. 13).

Para que o jogo alcance o resultado esperado um item fundamental para que ocorra é o brinquedo. A criança ao brincar faz uso de objetos figurativos ou não. "O brinquedo estimula a representação, a expressão de imagens que evocam os aspectos da realidade, oferecendo à criança o substituto de objetos reais." Portanto o brinquedo é parte integrante do brincar (SOMMERHALDER, 2011, p. 14).

Reconhecer o corpo como "brinquedo" nos parece fundamental para o professor. Pensem conosco na diversidade de jogos e brincadeiras que exigem tão somente nosso corpo como brinquedo para acontecer. Mesmo quando precisamos de bolas, garrafas ou coisa parecida para realizar um jogo de queimada ou de rouba-bandeira, sem o corpo brinquedo nada se faz. Sem dúvida ter à disposição um conjunto de materiais é sempre importante para o professor. Contudo, muitas vezes precisamos de bem pouco para realizar um jogo ou brincadeira e, até mesmo nossas aulas (SOMMERHALDER, 2011, p. 15).

Entendemos que para a realização de uma brincadeira podemos utilizar objetos simbólicos (brinquedo), ou simplesmente o corpo como artifício para o brincar. Na maioria das situações que envolvem os brinquedos e brincadeiras o adulto responsável direciona o brincar de acordo com as suas concepções, o gosto da criança e suas escolhas são ignoradas e o que prevalece são as escolhas do responsável.

De acordo com Rodulfo (1990, apud Sommerhalder, 2011), o brinquedo ideal para utilização da criança deve possibilitar a exploração como: desmontar, sujar e compreender todo o mecanismo para que haja um conhecimento total do objeto. "O brincante também experimenta essa tarefa constante de construção e reconstrução da realidade interna e externa." Nos momentos de brincadeiras e jogos a criança vivencia sensações de satisfação emocional entre o real e o imaginário (SOMMERHALDER, 2011, p. 16).

Portanto concluímos que o brincar é de extrema importância para a aprendizagem da criança por meio das experiências vivenciadas. Os momentos de brincadeiras são tão necessários quanto à afetividade.

A partir do século XV aconteceu uma mudança dos paradigmas da organização familiar e da escola que ocorria na Idade Média na qual passou a ter um olhar diferenciado quanto à formação infantil.

De acordo com Cambi (1999, apud Sommerhalder, 2011), a escola e a família passaram a ter responsabilidades com caráter formativo no qual incluía os aspectos sociais e pessoais juntos.

Com isso, a escola começa a ser mais valorizada como espaço de instrução de Formação em que são ensinados conhecimentos e comportamentos e se valoriza a disciplina. Na escola, já não se ensinam mais as mesmas coisas para todos sem diferenciação de idade como até então se fazia. Surge a preocupação em se elaborar métodos próprios para a educação das Crianças considerando sua particularidade (infância e juventude) (SOMMERHALDER, 2011, p. 33).

Ao passar a ser considerado os anseios da infância, a indiferença em relação à formação da criança teve uma mudança considerável a partir do século XV, passando a ter como foco a divisão de classes de acordo com a faixa etária. Aconteceu uma transformação da escola para Instituição Educacional com o intuito de formar crianças e jovens para a sociedade. "Aos poucos, a escola Moderna vai delineando a aprendizagem, os hábitos as normas e os afazeres que correspondem a cada idade" (SOMMERHALDER, 2011, p. 34).

Devido ao reconhecimento da infância, o jogo passou a ter uma grande relevância por ser uma atividade típica desta faixa etária, ganhando destaque de modo positivo e também negativo. A partir do século XVI aconteceram várias ações para que os jogos e brincadeiras fossem relacionados à educação infantil.

O surgimento da Companhia dos Jesuítas no século XVI, abre um precedente nessa maneira de conceber a educação da criança. Contrapondo-se a posição da igreja que reprovava a vivência das atividades lúdicas por crianças, jovens e adultos, os padres Jesuítas compreenderam que não era possível nem desejável suprimir a prática de jogos e das brincadeiras. Desse modo, propuseram-se a assimilá-los e introduzi-los em seus programas escolares sob a condição de poder escolher, regulamentar e controlar as atividades. [...] De qualquer forma não se nota acolhimento do infantil, tão somente uma tentativa de aprisioná-lo

(ÁRIES, 1981; KISHIMOTO,1992; apud SOMMERHALDER, 2011, p. 35).

Um novo olhar positivo sobre as necessidades da criança como sendo um ser frágil que depende dos cuidados do adulto e passa a ser admirado em sua sensibilidade e espontaneidade. Contrapondo-se ao pensamento que aponta a criança como ser irracional e desobediente. Sua educação deve ser com o intuito de conduzi-la a racionalização e a uma boa conduta.

No século XVII ocorreu uma mudança na estrutura da escola que absorveu como linha de pensamento os "pressupostos racionalistas", com a modernização dos currículos, organização das classes de acordo com a faixa etária e a socialização das metodologias (CAMBI, 1999; apud SOMMERHALDER, 2011).

A proposta idealizada por Jan Amos Comênios tem em sua metodologia em destaque pontual que afirma que as aprendizagens escolares essenciais ao homem são iguais ao longo da vida. Portanto as escolas devem ter os currículos com os mesmos conteúdos e disciplinas iguais nos diversos níveis sendo aprofundado gradativamente.

Ainda no século XVII Surgiu uma literatura voltada à infância com ideais educacionais. Na Europa foi caracterizada pelas fábulas e contos de fada. A sua utilização na educação tinha como objetivo o ensino de regras, valores e ao comportamento social no âmbito da moralidade.

O conto e a fábula permitem uma codificação e um controle do Imaginário infantil fazendo-o dependente de uma série de normas e princípios que se inscrevem no mundo burguês que esses textos podem difundir, confirmar e valorizar. La Fontaine é um dos principais representantes desse pensamento. Suas fábulas tornaram-se universalmente conhecidos por sua simplicidade narrativa e pela exemplaridade de seus casos morais que visavam declaradamente o ensino no campo moral (SOMMERHALDER,

2011, p. 37).

Acredita-se que a fábula e o conto eram utilizados para ensinar valores morais com uma linguagem simplificada e de fácil compreensão. Os textos continham casos voltados à moral e aos bons costumes da época.

No século XVIII uma nova concepção da infância teve início na qual a criança passou a ser valorizada de forma positiva. "A inocência e a fragilidade se libertaram da referência ao pecado original, de modo que a natureza pulsional da criança precisa ser preservada de todo mal que agora se assenta sobre a sociedade" (SOMMERHALDER, 2011, p. 38).

Um dos teóricos que influenciaram os novos paradigmas da pedagogia no século XVII foi Rousseau que inseriu a criança no centro das teorias. Sua abordagem tinha como foco a conservação das características infantis e não a inserção da criança no universo adulto. Para o teórico a essência da criança simbolizava a pureza sem as influências culturais.

Para Rousseau a educação deveria estar voltada para as necessidades mais profundas e essenciais da criança, respeitando seus ritmos de crescimento e valorizando as características de cada idade infantil. Em outras palavras, a educação da criança deveria ocorrer de modo natural, longe das influências corruptoras da sociedade e sob a orientação de um pedagogo que conduza a

formação dessa criança, garantindo que sua educação esteja de acordo com a natureza [...] (SOMMERHALDER, 2011, p. 39).

Portanto, de acordo com o pensamento de Rousseau com a preservação da essência da infância, com sua bondade natural por meio da educação, quando chegar à fase adulta não absorver a facilmente os erros da sociedade corruptível.

A partir das inovações de Rousseau na transição do século XVIII para o século XIX, houve uma renovação da representatividade da infância. O olhar mais amoroso e sua divulgação consolidou a Interpretação da bondade natural da criança de modo positivo e valorizado. Percebe-se um tratamento diferenciado da família valorizando a criança em suas necessidades afetivas. As instituições escolares se reorganizaram para atender a criança em todas as fases da evolução infantil.

O romantismo revolucionou a cultura no século XIX que passou a ter um olhar diferenciado do indivíduo, seus aspectos históricos, sentimental, racional etc. A infância para os teóricos do Romantismo está ligada a espontaneidade, naturalidade, intuição sensível, livre da manipulação adulta e da sociedade. A inocência infantil assegura a sua proteção das influências sociais corruptas. É uma fase importante do ser humano, na qual forma se a si próprio e seus valores morais. Portanto a educação da criança não deve ser coercitiva ou manipuladora, mas deve cuidar para que as potencialidades se desenvolvam com liberdade e que outras sementes possam germinar (BROUGÉRE, 2003 apud SOMMERHALDER, 2011).

A posição ocupada pelo jogo nesse novo cenário acompanha igualmente essa imagem inocente e pura da criança. Antes desvalorizado, passa a ser reconhecido como a atividade fundamental para o desenvolvimento infantil. Basta deixá-las brincar, que naturalmente se desenvolverão. É a partir desse período da história que de fato jogo inserido na escola como espaço de educação da primeira infância. A partir do Romantismo o brincar é pensado em si mesmo e não condicionado a outra atividade: ele é em si mesmo educativo; espaço de desenvolvimento para a criança (SOMMERHALDER, 2011, p.41).

O alemão Friedrich Froebel foi um dos pensadores do Romantismo de grande importância. Em sua proposta sobre a educação na infância para as reflexões acerca da Concepção do século XIX. Froebel concebeu um novo modelo de educação voltada à infância que tem como princípios educativos o método de Froebel para a educação na infância a criação dos Jardins de infância e a concepção de criança para Froebel. A concepção de criança segundo Froebel baseia-se na expressão de sua natureza, a presença divina e da religiosidade. "Se na infância está depositada a voz de Deus, cabe à educação possibilitar que ela se desenvolva". Para Froebel a espiritualidade e o divino devem ser conhecidos pelo homem (SOMMERHALDER, 2011, p. 42).

O brincar foi a principal concepção da educação de Froebel que não é visto somente como recreação, mas como recurso para o desenvolvimento da criança nos aspectos mental, físico e moral, também em sua personalidade e no reconhecimento como indivíduo.

No entanto a metodologia utilizada por Froebel com foco no desenvolvimento da criança por meio do conhecimento de si, não alcança os objetivos sem o auxílio de um docente, que denominava "jardineira". A função era de mediar as relações das crianças com os brinquedos. As brincadeiras devem acontecer livremente, espontânea sem planejamento prévio.

Froebel foi o fundador do kindergarten (jardim de Infância), as professoras que trabalhavam com as crianças de 3 a 6 anos eram chamados de jardineiras. A divulgação da metodologia de Froebel espalhou-se na Europa e Alemanha na sequência a divulgação abrangeu o mundo, sendo desenvolvido na educação das crianças pequenas.

De acordo com Kishimoto (1993, apud Sommerhalder, 2011), no Brasil o surgimento dos Jardins infantis baseou-se na teoria de Froebel com base nos jogos. Esse método foi considerado o inovador para muitos órgãos da sociedade, mas também recebeu críticas devido a métodos rígidos e disciplinadores da época Imperial.

Houve críticas à utilização dos jogos devido a espontaneidade implícita. As instituições religiosas eram contra as brincadeiras e jogos infantis e a favor do ensino repetitivo e com foco nas rezas. O brincar era tido como um meio que conduz ao desvio de caráter na infância não como instrumento educacional.

De qualquer forma os jardins de infância continuaram seu processo de expansão, incorporando a proposta froebeliana as ideias escola novistas, cuja proposta também estava centrada na criança, em suas atividades, na utilização de materiais concretos e especialmente na educação pública traduzindo as ideias de teóricos como Dewey, Montessori, Decroly e Claparede, os ideais escola novistas tiveram seu ponto alto nos anos 20 e 30 no Brasil, embora já fizessem presentes desde o período imperial com a implantação das primeiras escolas infantis (SOMMERHALDER, 2011, p. 46, 47).

De acordo com Sommerhalder (2011) os jogos nos anos 30 passaram a ser utilizados como um instrumento para assegurar os conteúdos e aprendizagem nas pré-escolas

e principalmente nos jardins de infância. O lúdico era reprimido pela imposição docente e direcionado nos momentos dos jogos e brincadeiras, o formato dos jogos utilizados na aprendizagem dos conteúdos pedagógicos são os jogos educativos.

As contribuições de Froebel e dos escola novistas foram muito importantes para o surgimento de um novo olhar para a criança que passou a ser compreendida e respeitada. A partir de 1970 houve uma nova transformação dos ideais "com a perspectiva de uma educação compensatória voltada particularmente as classes sociais menos favorecidas em meros instrumentos didáticos" (SOMMERHALDER, 2011, p. 49).

Na privação cultural as deficiências necessitam ser supridas pela instituição escolar com o intuito de sanar as diferenças no desenvolvimento na escola. A proposta da educação compensatória visava estimular precocemente a preparação para alfabetização das crianças menos favorecidas com as ações assistencialistas do ensino e da educação.

A educação compensatória que surge como alternativa para que as crianças das classes mais populares tivessem acesso ao conhecimento, começa a ser questionada, a partir da década de 1980, por professores e técnicos quanto à sua eficiência: ao invés de suprir as "deficiências culturais", da educação estava gerando discriminação e marginalização dessas crianças. As discussões giravam em torno das funções da creche e da pré-escola (cuidar X educar) e da elaboração de novas programações pedagógica com vistas a romper com caráter meramente assistencialista e/ou compensatória dessas instituições, propondo uma nova função pedagógica que enfatizasse o desenvolvimento linguístico e cognitivo das crianças (OLIVEIRA, 2005 apud SOMMERHALDER, 2011, p. 50).

Em 1998 com o surgimento do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, o olhar para a educação infantil retornou para o aspecto lúdico, no qual o brincar é essencial para o desenvolvimento infantil. Este é um documento norteador para as instituições infantis, que apontam em seu texto como devem ser o interior das escolas infantis e os conteúdos que devem ser ofertados ás crianças de modo lúdico.

De acordo com Kishimoto (2002), o jogo é uma atividade muito utilizada em todos os lugares. É uma atividade com regras bem definidas, ou ganhamos ou perdemos. Suas contribuições são nos aspectos motores, cognitivos, corporal, equilíbrio, lateralidade, raciocínio, equilíbrio possibilitando um melhor desenvolvimento das crianças.

A brincadeira em sala de aula, pode ser utilizada como um recurso para as ações educacionais de um modo lúdico. Fortalece os relacionamentos entre os alunos e contribui para aprendizagem. As brincadeiras devem ser direcionadas para que os objetivos traçados sejam alcançados. Por intermédio do lúdico o professor pode realizar abordagens de conteúdos específicos.

As crianças das séries iniciais podem aprender por meio do lúdico, valores, comportamento, fortalecimento das relações entre professor-aluno. Os jogos são uma importante ferramenta no processo de ensino aprendizagem por meio do lúdico na alfabetização. Nas atividades com jogos, a criança pode tomar decisões, resolver seus conflitos, vencer desafios, descobrir novas alternativas e criar novas possibilidades de invenções. Portanto, necessita do meio físico e social, no qual poderá construir seu pensamento e adquirir novos conhecimentos de modo lúdico, com uma aprendizagem significativa.

Considerações Finais

Concluímos que a vivência e a construção de atividades corporais e recreativas, o espaço lúdico na sala de aula, o jogo, o brinquedo e a brincadeira na educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental foram sendo introduzidos no ambiente escolar de forma gradativa. De acordo com as abordagens dos teóricos estudados pudemos concluir que a aprendizagem na educação infantil e no ensino fundamental séries iniciais, acontecem de modo lúdico.

O fazer pedagógico nas instituições infantis e do ensino fundamental nas séries iniciais, asseguram experimentações diversificadas para que as crianças compreendam o mundo por meio das brincadeiras e jogos.

Os brinquedos devem ser propícios a faixa etária e possuem critérios de escolha que devem ser seguidos, levando em conta os materiais, a diversidade e a segurança. Nem sempre o brinquedo mais caro será o que irá despertar o maior interesse das crianças.

Os registros históricos apontam a utilização dos jogos, brinquedos e brincadeiras em culturas variadas. Portanto podemos chegar à conclusão de que as brincadeiras os jogos e os brinquedos fazem parte do histórico da humanidade.

Um dos pioneiros da educação e influenciador das atividades lúdicas por meio das brincadeiras e jogos, foi Friedrich Froebel. Os jardins de infância no Brasil tiveram como base os fundamentos teóricos de Froebel, foi considerado inovador para a época.

Os educadores passam a ter um documento orientador para a educação infantil a partir de 1998, o Referencial Curricular para

a Educação Infantil, trouxe apontamentos a serem seguidos pelas instituições infantis, com foco no desenvolvimento das crianças por meio do lúdico.

Ao trabalhar de modo lúdico e com atividades corporais o professor poderá propiciar momentos de muita interação entre os alunos e uma aprendizagem significativa.

Referências bibliográficas

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação

Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil /

Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida, Brinquedos e brincadeiras na educação infantil, ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010. Disponível em:

http://www.http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7155-2-3brinquedos-brincadeiras-tizuko-morchida/file. Acesso em: 29/01/2018.

_____,O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira, 2002.

NISTA-PICCOLO, Vilma Lení, MOREIRA, Wagner Wey. Corpo em movimento na Educação Infantil. 1. Ed. – São Paulo: Telos, 2012

SOMMERHALDER, Aline, Jogo e a educação da infância: muito prazer em aprender / Aline Sommerhalder, Fernando Donizete Alves. - 1.ed. - Curitiba, PR :

CRV, 2011.